



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA

PRESIDÊNCIA

DA REPÚBLICA

O Brasil perante a América e o Mundo

(ENTREVISTA CONCEDIDA AO ENVIADO
ESPECIAL DE *LA NACION*, SR. FERNAN-
DO ORTIZ ECHAGUE, PUBLICADA, EM
BUENOS AIRES, A 26 DE JUNHO E
TRANSCRITA NA IMPRENSA BRASILEI-
RA, A 27 DO MESMO MÊS)

SUMÁRIO

O Brasil sempre partidário da política continental capaz de assegurar o trabalho pacífico das nações da América — Diretrizes que resultam de forte corrente de tradições americanas — A unanimidade de ação dos povos da América na defesa do nosso hemisfério — A política de “boa vizinhança” representa forma ativa de solidariedade, tanto mais valiosa quanto a sustenta uma nação de cultura e riqueza não ultrapassadas por nenhuma outra — Comunidade econômica equilibrada e próspera — A necessidade de convênios pan-americanos que facilitem uma união aduaneira, eliminando barreiras e exclusivismos — Os núcleos coloniais estrangeiros — As populações brasileiras de ascendência europeia — Sobre os elementos estrangeiros que tentaram exercer atividades dissolventes no Brasil — A ação do Govêrno — O Estado Nacional brasileiro e a sua estrutura — O Brasil nunca deixou de ser, sob o novo regime, uma democracia — As assembléias numerosas e a consulta direta aos órgãos representativos da vida econômica e social do país — Contactos, cada dia, mais estreito entre o Brasil e a Argentina.

“N ão se pode traçar em duas linhas o perfil vigoroso do Presidente Getulio Vargas: seus biógrafos, que são numerosos, já encheram espessos volumes com a aventura extraordinária do modesto advogado que o destino levou, desde a sua remota São Borja, até aos pináculos do poder. Uma estensa e nem sempre fidedigna biografia internacional conta a infância sonhadora e brava de Getulio Vargas, filho de um fazendeiro do Rio Grande do Sul, nos remotos confins da fronteira, sua curta carreira militar, seu precoce amor pelas coisas jurídicas, sua curiosidade de adolescente pelos problemas sociais, seus devaneios literários, sua eleição para deputado aos 25 anos de idade e, finalmente, sua ascensão ao poder, depois de haver passado pouco tempo à testa do Ministério da Fazenda e presidir o Estado do Rio Grande do Sul. Pendem os biógrafos, na interpretação do fenômeno político que apresenta o Brasil republicano — clima inconstante —, à estabilidade de um regime que, se bem tenha por origem a fôrça, não se baseia, somente, na fôrça, para governar, e até oferece, em alguns aspectos, oposição a vários princípios que determinaram o seu advento.

Getulio Vargas, “o revolucionario conservador”, segundo a feliz definição de Assis Chateaubriand, ha dez anos, governa um dos maiores países do Mundo, imenso pedaço de terra que, junto a rasgos de assombroso progresso, tem coisas dignas do segundo dia da criação. E Getulio Vargas governa bem, pois o viajante não encontra aqui, como em outras Repúblicas da América, os descontentes, os opositores que murmuram ao ouvido os males do regime. Eles existem, sem dúvida; porém o fenômeno

tem pouca importância, e isso se pode explicar por uma sociedade revolucionária do povo, pela habilidade do Presidente em adaptar as instituições políticas às circunstâncias, dentro do seu austero sentido do dever e do seu espírito de conciliação e de clemência, por seus dons de persuasão, que convertem em colaborador leal o inimigo de ontem, e, sobretudo, porque, em se falando com êle, logo se vê que o Presidente Vargas tem o dom do poder.

Mas, não vim aqui para explorar a impenetrável selva política brasileira, senão para concluir o inquérito sobre a defesa do Continente, — trabalho êsse que me confiou *La Nacion*, e foi com êste objetivo que procurei conhecer o juízo autorizado do Presidente dos Estados Unidos do Brasil a respeito dos problemas que a guerra cria com augez crescente à nossa América.

O primeiro magistrado do Brasil deu-me a honra de receber-me esta tarde no Palacio do Catete e conversar comigo longamente.

O primeiro magistrado do Brasil é um homem sereno, afável e sorridente; um caráter jovial e comunicativo; um governante humano, que pensa com lucidez, fala com donaire e ri com gosto. Parece-me o homem ante cujo Governo se reproduzem, anos após anos, desde 1930, os horizontes da vida brasileira. Falando com êle, contemplando-o sem pôse nem artifícios, sentindo-o sem prevenção, compreende-se que Getulio Vargas não seja, para o seu povo, um “Duce” ou um “Fuehrer” nem um “Caudilho”, senão, simplesmente, “Getulio”. Assim êle é conhecido, pelo povo, nas ruas. E o povo o quer e tem razão, porque nenhum governante se tem preocupado tanto com o seu bem-estar. Isto é fundamental, porque, de outro modo, sem a adesão do povo, não ha reforma do Estado que possa subsistir. Está aqui o meu diálogo com o Presidente Vargas:

— No curso da minha viagem através da América, pude comprovar, Sr. Presidente, a necessidade das duas

O BRASIL PERANTE A AMÉRICA E O MUNDO

maiores potências da America Latina, o Brasil e a Argentina, marcharem juntas em matéria de solidariedade americana e, eventualmente, para a defesa do nosso hemisfério. Considera o Presidente chegado o momento oportuno para tal ação?

— Sempre fomos partidários de uma política continental capaz de assegurar o trabalho pacífico das nações americanas. Nossa colaboração neste sentido tem sido franca e irrestrita. As circunstâncias do momento mundial vieram reforçar a convicção de que estávamos no rumo certo. As nações americanas têm felizmente se mantido firmes na aplicação dessa política e chegaram a traduzí-la em convênios memoráveis, como aconteceu com as decisões tomadas nas conferências de Buenos Aires, Havana e Panamá. O Brasil não pretende ser um pioneiro das diretrizes assentadas, mesmo porque elas resultaram de uma forte corrente de tradições americanas, nascidas nos primórdios das lutas emancipacionistas. Creio que, no ponto a que chegámos, nada se deve decidir sem audiência prévia e aprovação de todos. A defesa do nosso hemisfério só poderá ser eficiente contando com a solidariedade de sentimentos e com a unanimidade de ação dos povos americanos.

— Tem o Sr. Presidente algum reparo a fazer à política de “bôa vizinhança”, preconizada pelo Govêrno de Washington?

— Não tenho reparos; pelo contrário, aplaudo-a. Essa política representa uma forma ativa de solidariedade, ainda mais valiosa quando tem a sustentá-la uma Nação que atingiu, pelo trabalho pacífico e a organização modelar, um estágio de riqueza e cultura não ultrapassado por nenhuma outra nação do Mundo. É pena que essa política de “bôa vizinhança” não tenha sido iniciada antes. Se, em lugar do ambiente de desconfiança que persistiu durante largos anos, se tivesse

A NOVA POLÍTICA DO BRASIL

praticado a política de “bôa vizinhança” desde a outra guerra, toda a América estaria agora mais forte, melhor equipada e armada para cooperar na grande tarefa de defesa comum. Ao falar em política de “bôa vizinhança”, não podemos esquecer o seu maior líder e animador — o Presidente Franklin Roosevelt; à sua atenção vigilante, às suas iniciativas de verdadeira vocação americanista devemos atribuir grande parte do êxito dos nossos felizes e úteis entendimentos de cooperação.

— Que sugestões apresenta o Executivo brasileiro, Sr. Presidente, para dar à política de “bom vizinho” um sistema econômico, isto é, para que seja algo mais que “uma política”?

— Estamos assistindo, com plena satisfação, o princípio de um movimento de articulação econômica que proporciona já benefícios gerais e poderá transformar-se numa obra duradora de intercâmbio, sem a qual todo esforço político de confraternização seria superficial e limitado às contingências do tempo. Creio na conveniência de serem estudados, desde já, os meios de estabelecer uma comunidade equilibrada e próspera. Já temos bases e elementos para fazê-lo, e creio que os convênios pan-americanos propiciam o trabalho para chegar-se à união aduaneira e eliminar grande parte das barreiras e exclusivismos que contribuem para separar os povos, ao envez de uní-los.

— Na minha viagem através de quinze Repúblicas americanas, recolhi a impressão de que o Brasil, pelo seu contingente de população alemã, é um país particularmente exposto à penetração nazista. Penso que o Governo brasileiro tem tomado severas medidas preventivas. Poderia o Sr. Presidente esclarecer a opinião da América, enumerando essas medidas, seu alcance e sua eficácia?

— Pelo que me diz ter observado durante sua viagem através de quinze Repúblicas americanas e por outras in-

O BRASIL PERANTE A AMÉRICA E O MUNDO

formações de meu conhecimento, sou levado a crer, realmente, que se criou, fora de nossas fronteiras, uma opinião falsa acerca dos possíveis perigos de quaisquer de nossos núcleos coloniais. Não desejo comentar a fonte das informações errôneas que procuram colorir a atualidade brasileira ao sabôr e segundo os interesses de conhecidas tendências internacionais. Posso afirmar-lhe, e será fácil comprová-lo à sua observação de jornalista arguto, habituado a vêr com serenidade os aspectos da vida interna dos povos do velho Continente, que as populações de ascendência européia não nos trazem preocupações. Os contingentes que aqui chegam se incorporam ao trabalho brasileiro, além de pouco numerosos em relação à massa total da população, vincularam-se à terra e, na sua maioria, ligaram-se ao nosso destino. Não faltaram, por certo, os incitamentos de agentes estrangeiros que tentaram exercer suas atividades desagregadoras, como aliás o fazem, atualmente, em todos os países. Mas reagimos a tempo contra a ação perturbadora desses elementos, mediante medidas diretas e outras destinadas a acelerar a integração dos núcleos imigratórios na vida nacional. Entre essas medidas, cabe citar as de simples vigilância policial sobre elementos adventícios, a proibição de publicação de publicações periódicas em língua estrangeira, a nacionalização de escolas e associações estrangeiras, a proibição do uso de distintivos e símbolos de partidos políticos, assim como de qualquer atividade a êles vinculadas. Além disto e em virtude, mesmo, do regime instituído em 1937, promovemos, por todos os meios, o fortalecimento dos laços de união nacional e a educação cívica das populações. É oportuno ressaltar que, graças à modificação do regime, foi possível operar em pouco tempo o saneamento do ambiente, afastando do nosso meio os elementos nocivos à ordem e transformando a mentalidade geral. Foi assim que conseguimos

A NOVA POLÍTICA DO BRASIL

anular a ação dissolvente dos agentes extremistas e eliminar os resquícios particularistas em suas diversas formas. Hoje, ha, no Brasil, uma só bandeira e um só hino, e as leis que definem e asseguram os direitos do cidadão deixaram de ser regionais e se aplicam igualmente de Norte a Sul do país. Esta obra nacionalizadora foi completada, na ordem econômica, com a supressão dos tributos inter-estaduais, a unificação do sistema tributário e o incremento do mercado interno. Conseguimos, finalmente, acabar com os preconceitos regionalistas e com a diversidade de tratamento entre Estados ricos e Estados pobres, populosos ou não, auxiliando a todos e facilitando o nivelamento do progresso nacional. Como bem poderá compreender, dado que ainda existam intenções de criar atritos ideológicos ou minoritários dentro das nossas fronteiras, o novo ambiente não o permitirá, porque cada brasileiro está em condições de reagir, efetiva e civicamente, segundo as inspirações de uma consciência patriótica e esclarecida.

O Presidente se levanta e passeia comigo de um extremo a outro do vasto salão. Vou entrar no vivo do diálogo, e procuro ler nos olhos profundos de Getulio Vargas o seu verdadeiro pensamento:

— A estrutura e ideologia do novo Estado Nacional brasileiro poderiam parecer, à primeira vista, obstáculo à defesa dos princípios democráticos e liberais da América, próprios da tradição brasileira. Sou um recém-chegado, e tenho a impressão de que não existe, no fundo, tal incompatibilidade: que, chegado o momento de definir posições no nosso Continente, o povo brasileiro reafirmaria sua tradição. Se o Presidente do Brasil se dignasse de confirmar essa impressão, acredito que serviria grandemente aos interesses da solidariedade continental.

O Chefe de Estado brasileiro responde-me sem titubear:

O BRASIL PERANTE A AMÉRICA E O MUNDO

— Só à primeira vista, como diz, a estrutura do Estado Nacional pode parecer obstáculo à defesa dos princípios democráticos de formação americana. O Brasil nunca deixou de ser, sob o novo regime, uma democracia, mesmo porque, mais que nas palavras e nas convenções legais das democracias parlamentares, esse regime atende aos interesses do povo e consulta as suas tendências, através das organizações sindicais e associações produtoras. É mais uma democracia econômica que política, e, por isso, apresenta, simplificado, o mecanismo adequado de consulta e de controle da opinião pública. Não temos assembleias numerosas onde seja possível, à custa do dinheiro público, desperdiçar o tempo em arroubos oratórios e debates estéreis. Substituímo-las, e parece que com vantagem, pelos conselhos técnicos, pela consulta direta aos órgãos representativos da vida econômica e social do país. Na realidade, o que parece divergência ideológica ou doutrinária, no regime brasileiro, em relação aos demais Estados da América, é, somente, a afirmação de nossas peculiaridades históricas. Tínhamos numerosos problemas a resolver internamente, e os estamos resolvendo com rapidez, graças à concentração do poder público. Ser-lhe-á fácil obter informações imparciais a respeito e verificar que o que estamos fazendo tem por objetivo supremo unificar o Brasil, moral e economicamente, dentro de um programa de realizações que abrange todos os setores de atividade. Já lhe falei das medidas de finalidade cultural e cívica. Agora, quero referir-me ao que estamos realizando em matéria de valorização do homem e da terra. O desenvolvimento industrial, a ampliação da policultura, o saneamento dos campos, a reorganização dos transportes, o aparelhamento dos portos e o fomento da marinha mercante nos absorvem esforços consideráveis. Mas os resultados são compensadores. Procuramos, sobretudo, aumentar a ca-

A NOVA POLÍTICA DO BRASIL

pacidade dos nossos recursos e fortalecer a defesa nacional, e o estamos fazendo tanto no terreno industrial, como no tocante ao equipamento das forças militares. Se conseguirmos completar a obra iniciada, estabelecendo a grande indústria siderúrgica e obtendo auto-suficiência de combustíveis, inauguraremos nova era de segurança e prosperidade, não só para nós, como para os nossos vizinhos.

— Nesta ordem de idéias, Sr. Presidente, o povo argentino, que conhece e admira a obra de V. Exa., ainda ignora seus futuros empreendimentos; e seria útil enumerá-los, em favôr da obra de confraternização que realizam ambos os países.

O Presidente Vargas conclue o seu enunciado sôbre a concepção da dinâmica grandeza do Brasil com estas palavras:

— Nosso contacto com o seu glorioso país torna-se, cada dia, mais estreito. Sabemos como lá se trabalha e criamos maiores oportunidades para um sólido e mútuo conhecimento de nossas coisas e realizações. A tarefa de reconstrução interna a que nos consagramos não nos tem impedido de cooperar com a Argentina e os demais países americanos em todas as iniciativas de interêsse comum. O que desejo, neste rápido contacto com um homem de imprensa de sua cultura e de sua responsabilidade, é transmitir ao povo argentino, expressando o sentir da Nação Brasileira e do seu Govêrno, a segurança de que em nenhuma circunstância nos afastaremos de nossa tradicional linha de conduta nem deixaremos de cumprir os nossos compromissos de solidariedade continental.

O Chefe do Brasil progressista, fraternal e humano interroga o cronista acerca de sua viagem pela América e, depois, passeando sempre, pela vasta sala, a conversação se dirige para a guerra e sua inesperada evolução.

O BRASIL PERANTE A AMÉRICA E O MUNDO

E é pena não poder transmitir aos meus leitores a parte talvez mais substancial da minha visita ao Palácio do Catete: aquela em que, comentando o imprevisto e vertiginoso desdobrar dos acontecimentos, o homem que levantou, na América, a bandeira contra o comunismo e, na sua terra, ofereceu-lhe combate sem quartel parece pressentir que, a esta altura, no conflito que ensanguenta a Europa e se amplia progressivamente, estão em choque menos as ideologias políticas ou princípios que os interesses econômicos e as ambições nacionais. Por isso, acredita o Presidente que, para o Brasil como para a América, a guerra européia é alguma coisa mais distante e alheia aos interesses do Continente. Daí, a firmeza com que Getúlio Vargas está disposto a manter a neutralidade de sua Pátria, enquanto não fôr agredida. Todavia, essa firmeza não o impede — conforme declarou — de cumprir fielmente seus deveres de solidariedade continental, e talvez a iniciativa da Chancelaria do Uruguai seja ocasião propícia para manifestá-lo. Mas, o que nos interessa destacar, sobretudo, das importantes declarações dessa grande figura da América é a unidade de pensamento que, apesar das aparentes diferenças de regimes, impera no Continente, ao enunciar-se o problema transcendental do seu destino, perante a trágica crise do Velho Mundo.

Através das declarações dos seus chefes, a América aparece como a última reserva de idealismo: fiel aos princípios tradicionais do Direito, amante da liberdade, ciosa da dignidade humana. Ante as cruas realidades da guerra, ante o crescente cinismo das nações agressoras, a América organiza-se para a defesa do patrimônio comum e para pôr, um dia, se fôr necessário, o seu grande peso moral na balança da paz. E o Brasil não deixará de cumprir, em nenhum caso, os compromissos de solidariedade continental. Assim o afirma o chefe indiscutível, cuja palavra tem, na América, tanta autoridade moral”.